

Histórias que Transformam – ODS 14 Vida na Água

A Arte que Vem do Lixo

A Senhora Nara Guichon (Artista Plástica e Ambientalista): Boa noite a todos! Muito obrigada pela oportunidade! É sempre bom falar sobre o que a gente gosta e pelo que luta. Sou Nara Guichon, resido em Santa Catarina, de cor branca e sexo feminino.

Estou aqui para falar de meio ambiente e como podemos transformá-lo. Sou ambientalista e tecelã. Desde criança, dei-me conta de que tinha essa veia. Ao colaborar com a minha avó na limpeza do jardim, quando a via queimando as folhas que a gente varria, eu ficava sem saber por que ela as queimava e achava aquilo muito errado. Eu tinha a impressão de que aquela não era a forma boa de tratar o resíduo orgânico que saía do quintal.

Como eu me envolvi com o têxtil desde pequena, já com berço sustentável, porque sendo do Rio Grande do Sul eu trabalhava com a lã, aprendi a fazer tricô, pedia para me ensinarem. Virei tecelã porque eu tinha iniciativa quando era criança. Foi fazendo aquele material que eu aprendi que a lã é um material muito nobre, que quando dele não se precisa mais, não se quer mais, basta levar para a compostagem e, depois de seis meses, a lã se degrada e não deixa resíduos. É uma das fibras mais nobres. Ela nos aquece e já é sustentável por si só.

Nessa trajetória no meio ambiente, na questão têxtil, estive na área da moda sustentável e da decoração por quatro décadas, bem dizer, por toda a minha vida. Nessa trajetória, descobri muitos materiais, tecia sempre com fibras naturais, mas esse material que eu fazia tinha o diferencial de ser sustentável porque eu fazia peças atemporais, que as pessoas poderiam usar por trinta, quarenta anos, como há clientes aqui de São Paulo e em outros lugares que ainda têm as peças.

Essa trajetória foi um pouco desesperadora porque eu estava sozinha. Parecia que ninguém despertava, que ninguém acompanhava, que as pessoas compravam o meu material porque era bonito, não porque ele era sustentável.

Uma das fibras mais importantes que eu uso atualmente, desde 1998, são as redes de pesca. Morando em Santa Catarina, no litoral, quando vi esse material de redes, vi muitas possibilidades nele, mas eu não sabia, à época, que as redes eram tão danosas para o meio ambiente – vamos percorrendo uma trajetória e adquirindo conhecimento. Nessa minha trajetória, eu descobri que as redes são de poliamida, um material extremamente resistente, para o qual não há uma política de recolhimento para reciclagem. As redes, que atualmente representam em torno de 40% do lixo marítimo, ficam nos oceanos à deriva, causando no mínimo 25 milhões de mortes acidentais de grandes animais nos oceanos por ano, fora os pequenos, que não são computados.

Trata-se de um lixo invisível e que não chamo de lixo, digo que é um material colocado no lugar errado. Além do que, é um capital enorme desperdiçado jogar essas redes nos oceanos, tendo em vista que elas têm possibilidade de voltar e serem reusadas. A única fábrica que existe no mundo para reciclar as redes é bastante nova e está na Eslovênia. Essas redes, com que eu fiz moda e decoração durante muitos anos, começaram a me incomodar. De tanto ver esse lixo, e cada vez sabendo mais das proporções dos danos causados pelo descarte nos oceanos, que cresce ano a ano, comecei a sentir a necessidade de mudar a minha trajetória. Mas eu não sabia o que faria.

Iniciei no tricô e, a partir de 2013, começou a vir aquela inquietação, aquela falta de rumo. Comecei a fazer ensaios de novo utilizando o tricô com as redes, um tricô bastante diferente do convencional que eu fazia antes, que era tecnicamente perfeito. Esse material me causava muito incômodo porque, quando eu produzia essas peças de consumo, de venda, comércio, sempre restavam lixos, mesmo que fossem mínimos. Eu não tinha destino para as redes menores. Consegui solucionar o não descarte desses resíduos quando comecei a fazer grandes obras de arte, em grandes volumes. [Exibição de imagens das obras.]

Essas obras são feitas quase que totalmente de redes, e algumas têm um pouco de tecido. Esta obra que está sendo apresentada se chama Liana, que significa Cipó.



Ela é bastante volumosa porque o meu interesse é fazer obras bastante grandes, que façam uso do lixo oceânico. Essa obra, mesmo por sua forma, pode ser continuada, ficando maior, maior, fazendo uma alusão ao lixo marítimo, que nunca termina, o lixo plástico que está dentro dos oceanos, e o que estamos fazendo com o nosso planeta.

Eu considero que a responsabilidade ambiental primeira, básica, diária são duas.

A obra em exibição se chama Dormência. Essa obra foi para a China. O nome Dormência é pelo estado cômodo, de não estar acordado, em que a humanidade se vê. A humanidade num dormir, muitas vezes por inconsciência, outras vezes por perversidade de fazer o que faz com os seus resíduos, com a sua conduta, com o seu consumo. Ela tem esse chamado, Dormência para "vamos ver o que estamos fazendo, vamos parar de dormir".



Eu me senti privilegiada de mandar essa obra para a China, porque neste hemisfério muitos já conhecem, já receberam o recado, agora chegar até a China significa que do outro lado do mundo, que tem muitas iniciativas lá com esse material, mas mais uma vez frisa a necessidade de mostrarmos esse nobre material que tem sim destino, mas precisamos ver esse destino.



Voltando às nossas questões diárias prioritárias. A primeira das duas maneiras de ser sustentável é nos perguntarmos o que produzimos de lixo e como estamos tratando esse lixo. Estamos fazendo compostagem? Todos criamos resíduos orgânicos e a compostagem devolve esse resíduo orgânico para a terra, criando vida. O que é da terra tem que voltar para a terra. Fazer a compostagem é o número um. "Ah, eu não posso, eu moro no 18º andar". Mas quando se quer, dá-se um jeito. Já morei em um lugar que eu não tinha onde fazer a compostagem. Então, eu andava de ônibus para ir de um lugar para o outro diariamente e carregava o meu lixo orgânico no ônibus. As pessoas dizem não ter tempo. Mas não temos tempo de consertar o planeta porque não temos dez minutos para fazer compostagem. Iniciativa menor.



A outra forma de colaborar, o outro ato político de grande importância que todos fazem diariamente é escolher o que se come. Estamos comendo alimentos industrializados ou frescos, de preferência plantados nos arredores, de feiras orgânicas? Sei que poucos podem comprar alimentos orgânicos, mas quanto mais comprarem menor será o preço. No momento em que preservamos o meio ambiente através do alimento, estamos gerando vida, dando dignidade para o agricultor, preservando o solo e sustentando aquilo em que acreditamos, uma agricultura familiar, que nos alimenta de verdade, com comida de verdade.

Voltando à questão das obras, essa oportunidade que eu tenho de ter transmitido por tanto tempo o meu material, que foi comercializado à época em que eu era *design*, ele foi para vários lugares do mundo, está em São Paulo, Buenos Aires, Hong Kong. E isso foi levando o recado para outras pessoas. Alguém comprou uma inocente manta, mas alguém lá na Dinamarca viu e teve uma outra ideia. Então, de pouquinho em pouquinho...

As pessoas às vezes me perguntam: "Nara, qual a dimensão do seu trabalho?" Eu não tinha noção. Quando eu comecei, não fiz um plano, não tinha noção que poderia chegar a isso. Quanto mais pessoas reusarem redes, quanto mais pessoas reusarem roupas – a indústria da moda não tem consciência, não assume sua poluição –, quanto mais dermos o recado, mais ensinar, mais pessoas teremos no nosso time.

A indústria da moda, que é a segunda indústria mais poluente do planeta, faz o que faz não só em termos de tecidos e de roupas que não são nem usadas e já são incineradas ou mandadas para o Chile ou para vários outros países mas também em relação ao lixo que a Europa e os Estados Unidos não querem mais e é mandado para o terceiro mundo. Temos que aguentar isso porque a indústria da moda diz que devemos estar assim ou assado, atualmente, a cada quinze dias.

Estar na moda é se vestir ditando a moda. Se isso lhe incomoda, tem que realmente assumir que tem que vestir qualidade e não quantidade. A quantidade está matando o planeta. Como eu falei, é a segunda indústria mais polidora.

Isso que lhes dizem que em toda situação se tem que ter uma roupa nova tem que ser revisado. Há poucos anos, uma roupa nova era usada cinco, seis vezes, em ocasiões especiais, e se retornava com a mesma roupa, e ela estava ali sempre atemporal e boa. Agora essa coisa do descarte. Roupas novas, após duas lavadas, têm que ser colocadas no lixo. Essa moda *fast fashion*, agora a cada quinze dias.

Sempre faço o cálculo de quanto custa o metro de algodão e quanto custa o metro de linho. O metro de algodão custa, vamos supor, 40 reais, o metro de linho, 160 reais, ou seja, custa três vezes mais que o metro de algodão. Um vestido de algodão pode ser usado por oito, nove anos e um tecido de linho por décadas. Há roupas de linho que as pessoas dão para as outras e que duram décadas e décadas. Na

verdade, o linho é muito mais barato que uma roupa de algodão ou sintética – sintética nem se fala. É bom pontuar a questão do algodão porque muitos acham que estão sendo sustentáveis quando usam roupas de algodão. “Nossa, eu estou fazendo a minha parte!” Só que o algodão, além da quantidade de água utilizada em todo o processo, consome em torno de 24% dos agrotóxicos usados no planeta. Além do que provoca a devastação do meio ambiente. O Estado de Mato Grosso, por exemplo, devasta áreas imensas para o cultivo do algodão.

Essa biodiversidade perdida vale toda essa inversão? Se fizermos a nossa parte, consumirmos menos, comprarmos duas roupas por ano, ou até chegar a menos, colaboraremos muito mais.

São pequenas coisas de que as pessoas não se dão conta, vão no impulso da propaganda, e a propaganda é mentirosa, faz o lado dela, é perversa.

Pensem no planeta como se ele fosse um banco, o banco Terra. O banco Terra tem milhões de riquezas: madeira, minério, água, alimentos, etc. E essas benesses, essa riqueza todos nós estamos sacando gratuitamente. Está certo que uns pegam mais e revendem para os outros, mas estamos tirando do banco Terra. E o que estamos devolvendo? Como estamos tratando esse nosso banco? Pela maneira que o estamos tratando, ele está falindo, já está no vermelho, porque estamos gastando 1,7 planeta por ano.

Isso é muito importante saber por que as iniciativas individuais são muito importantes. O mundo muda quando eu mudo. “Ah, mas o outro não faz, o outro não colabora”, mas você está fazendo! Você está ensinando seu filho a plantar árvores. Você está fazendo alguma ação benéfica à escola dos seus parentes com a sua comunidade. É aquela história, eu vou plantar algumas flores para alimentar as abelhas, vou começar a fazer compostagem. Ao começarmos a fazer pequenas ações, como a que eu fiz lá com a rede de pesca – nem sabia no que ia dar –, vamos atingindo, influenciando outras pessoas.

O importante é fazer. Sempre refletir, sempre pensar de onde vem e para onde vai. Em relação à moda, é fundamental saber de onde vem, quem fez as minhas roupas. Saber que há pessoas que estão trabalhando doze horas, ou às vezes até mais, para ganhar um salário que não sustenta nem uma pessoa só, quanto mais uma família. São seres humanos que estão sendo escravizados legalmente. Antigamente a escravidão era não pagar salário, atualmente é pagar um salário miserável oficializado. Essas pessoas fazem roupas que estão impregnadas de tristeza, de raiva, de injustiça. São vários pontos em que podemos colaborar, refletir e sempre nos perguntar de onde vem e para onde vai. Vai parar no lixo, vou conseguir doar, vou conseguir consertar essa roupa?

Comprei um par de meias de lã em 2007. Durante o inverno no Sul, usamos meias de lã por dois ou três meses durante o ano. Depois de uns três anos, eu comecei a remendar essa meia e ainda a estou remendendo. Depois de

23 anos, eu ainda a estou remendando. A meia hoje é quase só remendos. Mas é uma maneira gostosa, divertida de, se precisar, mostrar para os outros a meia cheia de furos, um *patchwork*.

As pessoas dizem que não têm tempo, mas têm tempo de ir ao *shopping*, estacionar, gastar vida. A vida é muitas vezes esquecida em prol do consumo. Temos bastantes reflexões para pensar em relação ao nosso consumo e à nossa conduta.

Outra prática minha é o reflorestamento. Foi dito aqui que há um espaço de 59 hectares que está sendo reflorestado. Faço isso constantemente, menos do que gostaria, porque quando lidamos em lugares públicos às vezes se torna bastante difícil. Mas consigo, através de mutirões, plantar algumas centenas de árvores. Sou membra de uma associação que se chama Apremavi – Associação de Preservação do Vale do Itajaí, que existe desde 1987, sou sócia desde 1988. Através das ações da associação exclusivamente, há 180 espécies de árvores nativas da Mata Atlântica com que eles lidam e 4 exóticas não invasoras. Compro árvores deles e planto ou colaboro nos mutirões que a associação realiza com pequenos agricultores que não têm verba. Isso é feito com o dinheiro do projeto Águas Limpas, que financia o plantio de árvores, parte do lucro vai para o plantio de árvores.

O planeta é meu, o planeta nosso. Sinto-me arquimilionária por ter um planeta à disposição de todos nós e

sem precisar de gastar dinheiro para cuidar dele. Gasto lá um pouco para fazer essas ações de que estou falando, mas posso desfrutar de absolutamente tudo. Também por isso o preservo. Preservo em primeiro lugar para mim mesma, porque isso está dentro de mim e é muito forte. Eu não preservar, não gastar financeiramente me faz mal. Eu faço isso de muito bom grado e sempre também agradeço por fazer isso.

Podemos assistir ao vídeo agora. O tema do vídeo são as esponjas de redes. Essa esponja surgiu em 2013 naquele desespero – eu ainda não estava nas obras de arte –, porque com a moda sobravam pedaços de rede que dava para usar em outras coisas. Então, diante do desespero de ver esse lixo, eu criei essas esponjas.

A vantagem dessa esponja em relação às outras e a durabilidade de cinco a seis anos. Estamos tirando lixo dos oceanos e não estamos colocando esponjas convencionais nos lixões, essas esponjas que normalmente as pessoas trocam a cada quinze ou trinta dias. Uma esponja que dura cinco a seis anos evita que joguemos no lixo convencional quantas esponjas desse material totalmente sintético? Foi uma maneira de eu dizer: “Nossa, o que mais eu posso fazer para evitar tanto lixo?” Estão aí as esponjas. [Exibição de vídeo.]

“O descarte de rede de pesca corresponde a 10% da poluição mundial dos oceanos. Nós buscamos uma solução que facilita sua vida e a de todos os seres marinhos. O projeto Águas Limpas de Nara Guichon. Esponjas feitas com o descarte

de redes de pesca, gerando renda para projetos comunitários e substituindo as esponjas convencionais de poliuretano não recicláveis, para a limpeza de alimentos, para lavar louças usando sabão em barra, para maior eficiência, lavagem de vidros, limpeza e esfoliação corporal, pisos e banheiros. Basta higienizá-la com vinagre puro uma vez por semana para que dure cinco anos ou mais. Faça parte da mudança”.